

## A SAUDAÇÃO DE GAÚCHOS PARA O NEONAZISMO: O PROJETO DE DOMINAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO UNIÃO NACIONAL SULISTA

### THE GAUCHO SALUTE TO NEONAZISM: THE DOMINATION PROJECT OF THE ORGANIZATION SOUTHERN NATIONAL UNION

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues<sup>1</sup>  
Silvana Schwab do Nascimento<sup>2</sup>

**Resumo:** Em 2021, observou-se, pelo *Telegram*, o funcionamento de uma organização gaúcha neonazista chamada União Nacional Sulista (UNS – doravante), fundada em 2019. Notou-se, com respaldo de sua atividade discursiva, haver um projeto de dominação e separação para a região sul-brasileira. Por conseguinte, neste artigo, objetiva-se analisar a constituição do gênero discursivo fotomontagem presente na comunicação da UNS com o intuito de compreender a relação entre forma, conteúdo e campo de atividade. A justificativa desta empreitada evoca os valores da ética bakhtiniana, pois representam uma rejeição da supremacia racial, visto que centrados no conceito de alteridade. O referencial teórico recebe contribuições de Bakhtin (2015, 2016, 2017) e Volóchinov (2018, 2019a, 2019b, 2019c) no que tange à concepção de linguagem, enunciado e discurso. Devido à complexidade do objeto, acrescentam-se reflexões de Charaudeau (2006, 2016) e Lévy (2010, 2011), porque, em interlocução, podem subsidiar apontamentos sobre o discurso político-populista no campo das mídias digitais. O planejamento dos procedimentos metodológicos pauta-se nestes atos: i) caracterização e seleção da organização; ii) observação e registro de interações discursivas; iii) esboço de questões de pesquisa; iv) análise dialógica do material coletado; v) escrita dos resultados finais. Os critérios para a coleta dos enunciados são os temas abordados, o impacto social e a cronologia de sua publicação. A conclusão permite alcançar o entendimento de que o gênero fotomontagem combina, graficamente, enunciados verbovisuais que, tematicamente, correlacionam elementos socioculturais do Rio Grande do Sul, Estados Unidos da América e Alemanha. Com diferentes tradições racistas, visa-se à exclusão, ao assujeitamento e à eliminação de todos aqueles vistos como inferiores, incluindo judeus, negros, LGBTQIAP+, nordestinos e outros grupos. Para esse propósito, a UNS tenta, também, recrutar novos integrantes para instaurar seu projeto de separação e dominação territorial.

**Palavras-chave:** Teoria dialógica discursiva; Gênero discursivo fotomontagem; União Nacional Sulista; Telegram.

**Abstract:** In 2021, it was observed, through Telegram, the operation of a neo-Nazi organization from Rio Grande do Sul named Southern National Union (UNS – henceforth), founded in 2019. It was noted, with the support of its discursive activity, that there was a project of domination and separation for the southern Brazilian region. Therefore, in this article, the objective is to analyze the constitution of the photomontage discursive genre present in UNS communication in order to understand the relationship between form, content and field of activity. The justification for this

<sup>1</sup> Mestrando em Letras, na área de concentração em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Bolsista CAPES. Membro do Projeto de Pesquisa “Relações entre Ética, Discurso e Mídias: Pesquisas sob a Perspectiva Dialógica”, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kelli Machado da Rosa (FURG). E-mail: [rodmaf2@gmail.com](mailto:rodmaf2@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta de Produção Textual do Instituto de Letras e Artes (ILA/FURG). E-mail: [silschwab21@gmail.com](mailto:silschwab21@gmail.com)

endeavor evokes the values of Bakhtinian ethics, as they represent a rejection of the racial supremacist, since they are centered on the concept of alterity. The theoretical framework receives contributions from Bakhtin (2015, 2016, 2017) and Volóchinov (2018, 2019a, 2019b, 2019c) regarding the conception of language, utterance and discourse. Due to the complexity of the object, reflections by Charaudeau (2006, 2016) and Lévy (2010, 2011) are added, because, in interlocution, they can subsidize notes on the political-populist discourse in the field of digital media. The planning of methodological procedures is based on these acts: i) characterization and selection of the organization; ii) observation and record of discursive interactions; iii) outline of research questions; iv) dialogic analysis of the collected material; v) writing of final results. The criteria for collecting statements are the topics covered, the social impact and the chronology of their publication. The conclusion allows reaching the understanding that the photomontage genre graphically combines verbal-visual utterances that, thematically, correlate sociocultural elements from Rio Grande do Sul, United States of America and Germany. With different racist traditions, it aims at the exclusion, subjection and elimination of all those seen as inferior, including Jews, blacks, LGBTQIAP+, Northeasterners and other groups. For this purpose, the UNS also tries to recruit new members to implement its project of separation and territorial domination.

**Keywords:** Discursive dialogic theory; Discursive genre photomontage; Southern National Union; Telegram.

## Introdução

A ascensão da extrema direita tem sido acompanhada por atos de linguagem materializados em gêneros discursivos no campo das mídias digitais, que permitem a difusão de discursos de expatriação e eliminação de minorias. Esses discursos são compartilhados por organizações neonazistas em diferentes países à medida que criam uma rede global a qual promove uma visão de mundo baseada na crença da pureza ariana. Como houve uma política externa de subserviência do Brasil, sob a Presidência de Jair Bolsonaro (2019-2022), em relação aos EUA, sob Donald Trump (2017-2021), contribuiu-se, por exemplo, para a reapreensão, reorientação e ressignificação dos discursos<sup>3</sup> da *Ku Klux Klan* (KKK – doravante) para o cenário nacional pela organização brasileira neonazista Orgulho Branco (OrBr – doravante), de tal maneira a se ameaçar o negro, o judeu e o nordestino com a finalidade de lhes degradar a honra e a integridade. Desse modo, bem como lembra a matéria jornalística de Ricardo Senra (2018), o ex-mago imperial<sup>4</sup> da *Klan* elogiou o líder chauvinista brasileiro supracitado, porque, na concepção de David Duke, “Ele soa como nós”.

Em 2021, nesse contexto político, encontrou-se um canal do *Telegram* com o nome União Nacional Sulista, organização gaúcha que passou aparentemente a usar tal plataforma de mensagens em 2019. Por haver cada vez menos postagens no bate-papo, o número de integrantes decaiu com

---

<sup>3</sup> A KKK foi influenciada por ideias eugenistas e seus líderes atuais têm origem em partidos neonazistas. Além da tradicional queima da cruz, é comum ver a queima da suástica em suas reuniões. Membros da organização também costumam fazer a saudação romana fascista em fotos. A OrBr é uma organização brasileira de extrema direita que usa o *Telegram* para recrutar novos integrantes. Por conseguinte, o locutor reapreende, reorienta e ressignifica o discurso da KKK com estes fins: i) afirmar uma falsa superioridade racial dos brancos; ii) provar a existência de uma fantasiosa guerra racial total; iii) mostrar uma equivocada inferioridade racial de negros, judeus, imigrantes e nordestinos; iv) humilhar essas minorias com humor racista; v) e enfatizar sua pretensa ancestralidade pura.

<sup>4</sup> A posição de liderança na KKK é ocupada pelo mago imperial, que é destacado em eventos como a queima de cruzes e suásticas pelo traje que usa, geralmente com cores como preto, vermelho e roxo, que se sobressaem do branco usado pelos demais membros da organização.

o tempo. Na lista de inscritos, havia 116 usuários, muito embora houvesse centenas de visualizações a cada publicação, justamente porque o canal é público. Na interação discursiva, o locutor, em seu projeto arquitetônico, mobiliza o enunciado verbal “américa sulista vai ser toda racalista” pelo motivo de acreditar, e tentar com isso convencer o interlocutor, que “o problema do mundo é étnico não ético”<sup>5</sup>, já que, em sua campanha populista de convocar brancos, rechaça o que conhece por multiculturalismo e miscigenação, que seriam provocadas por alegados “inimigo interno” (CHARAUDEAU, 2016, p. 112) e “inimigo externo” (CHARAUDEAU, 2016, p. 113).

Esta pesquisa tem assim como objetivo analisar a constituição do gênero discursivo fotomontagem para compreender a relação entre forma, conteúdo e campo de atividade na comunicação sociodiscursiva da UNS. A hipótese é que o gênero fotomontagem é, enquanto ato de linguagem, uma estratégia importante para organizações neonazistas, levando em consideração que correlaciona valores culturais, históricos e políticos aceitos por extremistas. Segue-se esse pressuposto, porque, conforme a atividade discursiva da UNS, elementos socioculturais do Rio Grande do Sul, EUA e Alemanha são combinados. Por exemplo, observou-se a Estátua do Laçador com um sol negro na cabeça e, também, o homem da *Klan* com as bandeiras do estado gaúcho e Estados Confederados da América<sup>6</sup>. Em desdobramento, tenta-se ou alistar, ou intimidar o interlocutor ao lhe doutrinar sobre a superioridade ou inferioridade racial, genérica e cultural de alguns grupos.

A justificativa deste artigo ampara-se nas discussões apresentadas em *Para uma filosofia do ato responsável* ao se aferir que a ética bakhtiniana é uma perspectiva filosófica importante na luta contra o neonazismo, tendo em vista que representa uma rejeição da supremacia racial e promoção da equidade e da justiça para todos os sujeitos, independentemente de etnia, gênero, orientação sexual, religião, origem nacional. Essa ética, centrada no conceito de alteridade, reconhece a diversidade de vozes na sociedade, o que contribui para uma resposta a ideias autoritárias que visam à expatriação e à eliminação do outro visto como impuro. Dessa forma, o sujeito é responsável por seu ato ético na interação social, o que pode incluir, de acordo com a leitura realizada, um embate contra o racismo que oprime minorias ao destituí-las de seu direito à vida e à dignidade.

Ao assumir esses valores no ato ético, porque calcados na alteridade, a presente pesquisa, nessa mesma linha, está fulcrada nas contribuições de Bakhtin (2015, 2016, 2017) e Volóchinov (2018, 2019a, 2019b, 2019c) acerca da concepção de língua/linguagem, enunciado e discurso. Tangente às demais referências teóricas, em razão da complexidade do objeto a ser examinado, agregam-se os pensamentos de Charaudeau (2006, 2016) e Lévy (2010, 2011), já que possibilitam o estudo do discurso político-populista no campo das mídias digitais.

É bem verdade que *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e, em grau elevado, *WhatsApp* e *Telegram* permitem a comunicação sociodiscursiva entre organizações de ódio racial, o que se ancora em uma diversidade de gêneros discursivos, bem como mensagens, comentários, cartas abertas, artigos de opinião, notícias, *e-books*, fotodenúncias, fotomontagens, relatos pessoais, memes, figurinhas, *videocasts*, músicas, *podcasts* e muitos outros. Tal como salienta Paula e Luciano (2020), que resgatam

---

<sup>5</sup> O enunciado “O problema do mundo é ético e não étnico” é atribuído ao Plínio Salgado, que contribuiu para a oficialização do movimento integralista em 1932. Em resposta, a UNS, ao mudar sintaticamente “ético” por “étnico”, expressa um ponto de vista racializado. Na história brasileira, sabe-se que tal movimento foi a espinha dorsal do nazifascismo europeu, o que, inclusive, possibilitou a reapreensão, reorientação e ressignificação do signo visual saudação romana para o cenário nacional, o anauê. Apesar de o integralismo não ser mais um movimento de massa, tal como outrora, isso não o torna democraticamente aceitável.

<sup>6</sup> O sol negro é um signo ideológico visual empregado desde a Alemanha à época do nazismo. Quanto à sua composição, ora se forma com a união de três suásticas, ora de doze runas radiais. Além dele, o signo bandeira da confederação é comumente mobilizado em projetos arquitetônicos de organizações de ódio racial, sobretudo nos EUA. O objetivo dos neonazistas estadunidenses é abolir qualquer direito conquistado pela população negra, visto que saúdam a escravização defendida por aqueles estados sulistas secessionados no período da Guerra Civil (1861-1865).

a terminologia “verbivocovisual” de James Joyce, verifica-se uma multimodalidade interna (potencial) e externa (explícita) que caracteriza todo ato de linguagem. Compreende-se dessas reflexões que o autor-criador (enunciado artístico) ou o locutor (enunciado extra-artístico) planeja seu projeto arquitetônico com respaldo dessa tridimensionalidade verbal, vocal e visual com o intuito de produzir sentidos, o que fornece subsídio para o exame dessa diversidade de gêneros do discurso.

Para os fins desta pesquisa, decidiu-se afastar a terminologia “Círculo de Bakhtin”, encetada, no cenário intelectual russo, pelo psicolinguista Alexei Leontiev (SÉRIOT, 2015), porquanto colabora para a perpetuação de “mitos monológicos” (BRANDIST, 2012, p. 135). Na resistência artístico-cultural à época do stalinismo, mormente no que diz respeito à imposição de uma visão única de mundo, grupos de intelectuais reuniam-se e debatiam sobre filosofia nas gélidas noites russas à base de chás (CLARK, HOLQUIST, 2008). De Nevel à cidade de Leningrado, não se tinha como objetivo a institucionalização de um líder, tampouco a formalização de uma seita, pois, ao estudar o percurso histórico daquele período, pretendia-se popularizar a filosofia, a arte e a literatura no cotidiano do povo para a construção de uma cultura proletária (FIGES, 2017).

Discerne-se que essa terminologia, a de “Círculo de Bakhtin”, subalterniza e marginaliza as vozes de Medviédev e Volóchinov, além das de Kagan, Pumpiánski, Iudina, Kanaev, Zubákin, Vaguinov, Sollertínskii dentre muitos outros eruditos. Faraco (2009) explana que Bakhtin possui a obra de maior envergadura, mas se compreende que esse argumento é falho, já que não é razoável compará-lo com Medviédev, assassinado pela ditadura stalinista com seus arquivos destruídos, e Tubianski, morto dentro de um campo de concentração por haverem as autoridades entendido que ele tivesse praticado atos contrarrevolucionários. Não condiz com os princípios do grupo um “chefe carismático” (SÉRIOT, 2015, p. 28), crença fundada pelos problemas de tradução e pela invenção terminológica tardia e apócrifa de Leontiev.

No que se relaciona à metodologia, Di Fanti, Paula e Ponzio (2021) oportunizam o entendimento de que a pesquisa se sustenta no método dialético-dialógico, porquanto releva uma perspectiva social para linguagem na/pela qual procede um embate de vozes com distintos pontos de vista, que não possui uma “síntese” finalizadora. Frise-se, por pertinência, que o “dialógico” nada tem a ver com uma visão simples atinente a uma conversa face a face, na medida em que é, na verdade, uma “[...] resposta ética e responsável valorativa (de concordância e/ou discordância, parcial ou total), expressa por sujeitos (eu e outro) em interação viva” (DI FANTI, PAULA, PONZIO, 2021, p. 397), sujeitos esses que podem ou não estar presentes na situação de interação social. Desta feita, não se está a escrever que uma conversa face a face não permita a identificação de relações dialógicas, e sim que o que se compreende por dialogismo é parte de um processo sociodiscursivo muito mais amplo.

Dessa maneira, concatenam-se cinco atos procedimentais, a saber: i) caracterização e seleção da organização; ii) observação e registro de interações discursivas; iii) esboço de questões de pesquisa; iv) análise dialógica do material coletado; v) escrita dos resultados finais. Por seu canal do *Telegram*, a UNS foi caracterizada como neonazisseparatista por ostentar elementos do movimento neonazista, a fim de justificar a separação territorial da região sul-brasileira, o que explana o motivo de selecioná-la, dado que ameaça não só o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, mas, também, os demais estados do Brasil. O locutor da organização, nesse ponto, tenta persuadir o interlocutor de que a soberania sulina estaria afrontada pela federação e, por conseguinte, seria necessário haver a separação dos territórios. Concomitantemente, essa “afronta”, nessa concepção neonazista, viabilizaria a degeneração racial, genérica e cultural sulistas.

Segue-se, como procedimento, a orientação de Rodrigues e Rosa (2021) e Rodrigues (2022) de que os endereços eletrônicos relativos a organizações neonazistas não sejam referenciados neste artigo, tendo em conta que se compreende que, se assim o fossem, tornar-se-ia esta pesquisa um

meio para o alistamento de novos integrantes da UNS. Entende-se que a maior meta de extremistas que atuam no campo das mídias digitais é a divulgação de URLs de suas páginas digitais, canais e grupos.

Destarte, mensagens, relatos pessoais, fotomontagens, fotodenúncias, *political remix*, memes e figurinhas foram averiguadas e, dessa cadeia de enunciados, coletaram-se cinco fotomontagens. Os critérios de seleção, para tanto, consideram os temas abordados, o impacto social e a cronologia de suas publicações.

Para finalizar esta introdução, descrevem-se, tematicamente, duas seções porvindouras. A primeira é designada “A fotomontagem como gênero discursivo: uma estratégia da comunicação discursiva e midiática de organizações de ódio racial” na qual se discute acerca da fotomontagem na comunicação sociodiscursiva de organizações no campo das mídias digitais e a construção do discurso político e populista. A segunda é chamada “(Nazis)separatistas e a fotomontagem como ato de recrutar e intimidar” em que se analisam os enunciados coletados com apoio da discussão teórico-filosófica empreendida na seção anterior.

## **1 A fotomontagem como gênero discursivo: uma estratégia da comunicação discursiva e midiática de organizações de ódio racial**

Em dois anos de investigação de organizações neonazistas no campo das mídias digitais, aferiu-se haver um tipo enunciativo relativamente estável da comunicação sociodiscursiva bem relevante: a fotomontagem. Apologistas do regime nazista na contemporaneidade pretendem matar os sobreviventes do holocausto em vista de acreditarem que judeus, LGBTQIAP+, negros, pessoas com deficiências representem uma afronta genética, moral, política, econômica e cultural ao projeto de uma sociedade ariana. Com efeito, no processo tenso de interação discursiva entre locutor (organização) e interlocutor (público), combinam-se enunciados verbovisuais para a composição das fotomontagens com a finalidade de: i) recrutar novos membros; ii) hostilizar o outro indesejado; iii) doutrinar a respeito da falaciosa superioridade racial, cultural e moral do branco; iv) viralizar e polemizar para marcar sua posição ideológica; v) aterrorizar o branco ao preceituar que existiria um genocídio a ser orquestrado pelo outro indesejado.

Tendo em vista que a língua nacional é social, ideológica e historicamente estratificada em diferentes gêneros discursivos constituídos por estilo individual e genérico<sup>7</sup>, organização estrutural e composição temática (BAKHTIN, 2015, 2016), a fotomontagem permite analisar o estilo individual e genérico de cada organização ao selecionar e misturar graficamente imagens. Com as edições feitas, percorre-se, ao apreender a vida, por temas pensados pelo movimento neonazista: i) o problema do multiculturalismo; ii) o perigo do globalismo; iii) a ameaça da miscigenação; iv) a conspiração entre partidos de esquerda; v) a invasão territorial do “terceiro-mundo”; vi) a perversão da sexualidade de crianças e adolescentes; vii) a pandemia provocada pela comunidade judaica e a vacina da morte; viii) a deterioração da família tradicional por culpa do feminismo; iv) os privilégios de ser negro; x) a destruição da cultura e população branca.

Salienta-se, no que se refere às dimensões da comunicação, o que aduz Lévy (2010, p. 66) à medida que define mídia como “Suporte de informação e de comunicação” ao exemplificá-la como

---

<sup>7</sup> Essas terminologias consistem na transação que o autor-criador (enunciado artístico) ou locutor (enunciado extra-artístico) realiza entre o estilo autoral/individual e o estilo do gênero discursivo. Nessa linha, Bakhtin (2016) assinala que, na comunicação sociodiscursiva, examinam-se os gêneros mais ou menos flexíveis para a expressão do estilo individual/autoral, pois, no campo das atividades institucionais, o que é diferente da conversa cotidiana, gêneros discursivos como o ofício, portaria, ato normativo são mais propícios para um estilo formalizado. Cumpre referir, ademais, que Paula e Luciano (2020) empregam frequentemente a terminologia estilo individual e genérico em suas pesquisas no campo do discurso.

“Impressos, cinema, rádio, televisão, telefone, CD-ROM, Internet (computadores + telecomunicações) etc.”. Lévy (2010, p. 66) reflete, além disso, sobre a modalidade perceptiva, bem como “Visão, audição, tato, odor, gosto, cinestesia” no processo de interação discursiva, porque linguagens verbal, visual e vocal articulam-se na produção de sentidos. Dessa apreciação, é de se notar que a televisão, o telefone e o rádio representem modelos de mídia analógicos marcados por uma interatividade “um-todos”. Enquanto isso, o aplicativo *Telegram*, como também o *WhatsApp*, pode ensejar um modelo de mídia digital mais interativo e dinâmico baseado em “todos-todos”, já que, ao se participar da situação de interação, cada qual pode ocupar um papel de locutor e interlocutor.

Do exposto, na mídia digital, o enunciado verbal, visual e vocal é “[...] posto em movimento, envolvido em um fluxo, vetorizado, metamórfico” (LÉVY, 2011, p. 48), tendo-se em mente o movimento de desterritorialização, visto que sujeitos de qualquer localização geográfica podem “[...] ajudar a produzir, a dobrar diversamente, a retomar, a modificar, a dobrar de novo [...]” (LÉVY, 2011, p. 49). Logo, a fotomontagem traduz as condições desse campo de atividade, que mobiliza a tridimensionalidade verbivocovisual e modalidades perceptivas, o que pode ser compartilhado por diferentes usuários aderentes a variados canais ou grupos do próprio *Telegram*, o que supera as barreiras territoriais.

É oportuno, nesse sentido, citar que os enunciados:

[...] refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

Dessa contribuição, no campo da mídia digital, a atividade de linguagem das organizações correlaciona estilo individual e genérico, composição temática e organização estrutural. Tal é o que se observa com a edição realizada pela UNS no todo orgânico do enunciado-fotomontagem. Volóchinov (2019a, 2019b, 2019c), ao pensar sobre a construção do estilo discursivo, releva, no enunciado, a seleção e distribuições de elementos (forma) e composição temática (conteúdo). Há, também, o tom regulado com amparo da relação sócio-hierárquica entre locutor e interlocutor.

Dessa contribuição, as organizações, com suas visadas, selecionam um gênero discursivo (fotomontagem) para sua comunicação sociodiscursiva. Em sua construção, forma e conteúdo são conjugados, porquanto existe uma seleção de elementos verbais, vocais e visuais com o interesse de percorrer uma composição de temas que tenta implicar o auditório de interlocutores. Nessa perspectiva, o tom é comumente: i) aterrorizador para alertar os brancos de um genocídio; ii) humorístico para zombar dos oponentes; iii) inflado para rebaixar os oponentes.

Para se estudar a construção do discurso político-populista<sup>8</sup> na comunicação do campo das mídias digitais, há de se compreender que cada organização parte do que Charaudeau (2006) sistematiza como a vitimização do povo, o líder, a satanização dos culpados e a exaltação de valores. Tal encenação tenta não só mostrar o povo como vítima de um genocídio provocado pelo multiculturalismo e pela miscigenação, mas também exaltar valores de superioridade racial e nacionalismo. Com isso, tenta-se angariar uma autoridade, pautada na legitimidade e na credibilidade, para poder agir sobre o “bode expiatório” (CHARAUDEAU, 2016, p. 111).

---

<sup>8</sup> Para os fins deste artigo, compreende-se por populismo atos de linguagem usados para convocar a população branca em torno da ideia de que estaria sendo ameaçada por minorias. Com efeito, o discurso que promove o populismo contribui para o recrutamento de novos membros para organizações de ódio racial, tendo em vista recorrer sobremaneira ao terror.

Finalmente, diante dessa discussão teórico-filosófica, é razoável, com apoio de Charaudeau (2006), a avaliação que argumentos sejam mobilizados, de tal modo a que se possa persuadir o auditório social de interlocutores, a saber: i) argumento pela força das crenças partilhadas; ii) argumento pelo peso das circunstâncias e seus contratempos acarretados; iii) argumento pela vontade de agir; iv) argumento pelo risco; v) argumento concernente à autoridade pautada na legitimidade e credibilidade; vi) argumento pela desqualificação; vii) argumento por analogia; viii) argumento pelo humor. É interessante retomar Volóchinov (2019a, 2019b, 2019c), haja vista que, para a construção desses argumentos, é fundamental relevar o tom abalizado pela relação sócio-hierárquica entre locutor e interlocutor em que cada um possui seu “perfil sociocaracterológico” (BAKHTIN, 2018, p. 53). A seguir, passa-se ao exame das fotomontagens a serem perscrutadas com o aporte assentado nesta seção.

## 2 (Nazis)separatistas e a fotomontagem como ato de recrutar e intimidar

Em uma coalizão com o neonazismo internacional, a atividade discursiva da UNS dispõe das “14 palavras de David Lane” (RODRIGUES, ROSA, 2021, p. 619) em seu projeto arquitetônico, a fim de demonstrar para seu público neonazista, sobretudo do sul-brasileiro, que possui um projeto de idealidade territorial, racial e cultural, porque, com isso, estaria apta a preservar a genética ariana, fantasiosamente presente no sangue sulista, o que pode incluir a derrubada de governos e o estupro em massa de mulheres brancas<sup>9</sup>. Feito isso, livrar-se-ia do que supremacistas brancos gaúchos denominam como “lixaredo” no que compete à miscigenação. Já que vem ao caso, a UNS compartilhou, no bate-papo, uma mensagem do canal *Brazilian /pol/ - Intel, Archives, Video and redpills in General* (Brasileiro /politicamente incorreto/ - Inteligência, Arquivos, Vídeos e Pílulas vermelhas em Geral) na qual é descrita como uma organização nacional-socialista e sul-riograndense. Em razão disso, muitas alusões são realizadas em torno de elementos socioculturais do Rio Grande do Sul e, por vezes, de Santa Catarina e Paraná. Por conta disso, veja-se a Figura 1:

Figura 1. O símbolo da União Nacional Sulista



Fonte: União Nacional Sulista (2019)

É importante o que destaca Schucman (2012, p. 41) ao definir racismo como “[...] qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos baseado no conceito de raça”. Nessa

<sup>9</sup> A fim de preservar a genética da mulher e do homem branco, Dias (2018) explica que Lane, com o código de ética ariano, baseado nas 14 palavras, teria como método o sequestro e estupro de mulheres brancas na intenção de manter relações poligâmicas sob um Estado branco.

perspectiva, essa fotomontagem participa da comunicação sociodiscursiva desenvolvida entre locutor (organização) e interlocutor (neonazistas gaúchos) na qual privilégios simbólicos, dominação, hierarquia racial e desigualdade material são exaltados. Para a formação dessa fotomontagem, como símbolo da UNS, observam-se elementos verbovisuais, como o fundo preto, asterisco vermelho, mapa da região sul-brasileira e suas siglas. Como resultado, o mapa regional é esteticamente ressignificado com as cores da bandeira nazista (preto, vermelho, branco), o que expressa um ponto de vista de concordância de valores ideológicos. Há, desse modo, a seleção de elementos verbovisuais e a composição de temas que caracterizam o estilo de tal gênero discursivo.

Devido à relação sócio-hierárquica entre locutor e interlocutor, o tom constituinte da fotomontagem é o de pânico, porque, nessa interação discursiva, o canal da organização representaria um reduto de resistência, já que o branco, na posição de vítima, seria ameaçado genética, moral, política e economicamente pelo outro, na posição de imigrante, judeu, nordestino, negro, LGBTQIAP+, comunista, brasileiro. Trata-se de uma mídia digital na qual haveria liberdade de expressão, a fim de que supostos empecilhos, que flagelariam o branco, pudessem ser debatidos sem nenhuma contraposição de ideias. Prova disso, são duas músicas amadoras compartilhadas em que o locutor incita o gaúcho a pegar em armas para que possa aniquilar o “inimigo” com o fim de erguer o “Glorioso Reich Sulês”, como a UNS denomina, ao derrubar o “velho sul brasileiro”. Essa fotomontagem é, tão logo, um símbolo de valores, principalmente relacionados à separação territorial, defendidos pela organização em questão.

Para isso ser viável, vejam-se as Figura 2 e Figura 3:

Figura 2. O líder do Reich Sulês?



DER FÜHRER VON SÜDLAND  
ADOLF HITLER!  
SIEG HEIL!

531 02:35  
União Nacional Sulista (2019)

Figura 3. A Ku Klux Klan gaúcha



União Nacional Sulista (2019)

Segundo Bethencourt (2018), a *Ku Klux Klan*, integrada por um bando de brancos, tinha o objetivo de linchar negros, o que lhes impediu de exercer os direitos básicos, como o à vida. Nesse contexto, ainda no século XIX, houve a consumação de códigos que segregavam essa população recém-liberta dos grilhões da escravidão, tal como em escolas, transporte, locais públicos. Mais tarde, no século XX, Evans (2010, 2011, 2012) permite compreender que Adolf Hitler e a cúpula nazista tinham a finalidade de aniquilar o povo judeu que, em discursos, era inferiorizado e responsabilizado pelos males da nação. Nos casos descritos, tanto negros quanto judeus eram os bodes expiatórios de extremistas para a instauração de um projeto de dominação, o que é, discursivamente, reaprendido, reorientado e ressignificado para o cenário sulista pela UNS.

Para a execução de tal projeto, na intenção de “[...] fazer pagar os culpados [...]” (CHARAUDEAU, 2016, p. 108), a UNS postou duas fotomontagens. Na constituição da Figura 2, selecionam-se elementos visuais, bem como a foto de rosto de Adolf Hitler, fundo desfocado, bandeira do sul-brasileiro secessionado, terno, pin de lapela com a bandeira gaúcha, faixa presidencial nas cores branca e preta com o símbolo da UNS. Combinam-se, também, elementos



verbais, a afirmação *Der Führer von Südländ. Adolf Hitler! Sieg Heil!* (O líder do sul. Adolf Hitler! Viva a vitória!). Salienta-se a presença do vocal nas exclamações que enfatizam, axiologicamente, uma saudação ao extremista mencionado. A partir desses elementos verbivocovisuais à disposição do projeto arquitetônico do locutor, apresenta-se um suposto líder sulista “agauchado” cuja autoridade repousaria em legitimidade e credibilidade concedida por brancos supremacistas.

Por conseguinte, ao se relevar a relação sócio-hierárquica entre locutor (Adolf Hitler) e interlocutor (neonazistas gaúchos), reivindica-se o direito de submeter o outro (negro, nordestino, imigrante, judeu) a uma situação degradante, ora a segregação pelo discurso de racismo institucional, ora a deportação em massa pelo discurso xenofóbico, ora a eliminação em campos de concentração pelo discurso genocida. Quando se escolhem os signos ideológicos “Viva a vitória!”, com um tom eloquente, ressignifica-se a imagem de um sul que passa a ser marcado por uma guerra racial total. Não é sem razão que a atividade discursiva da UNS insiste na perda de soberania do povo sulino, do enfraquecimento da identidade, perda do civismo e a decadência moral ocasionada pelo brasileiro. É, em suma, a justificativa para a instauração de um projeto em desfavor de minorias.

Na constituição da Figura 3, nota-se haver um homem da *Klan* que, montado em um cavalo, veste um traje branco em que sobressalta um capuz pontiagudo. Ele segura uma cruz em chamas e, articulada a ela, existem duas bandeiras, uma do Rio Grande do Sul e outra dos Estados Confederados da América. Com esses elementos visuais, caracterizados esteticamente pelo *vapornwave* e *fashwave*, materializam-se conjuntamente os verbais com a afirmação *god bless white south* (deus abençoe o sul branco). Se o tom é a tradução da avaliação social, percebe-se haver uma indignação por parte do locutor que, ao reivindicar o “gaúcho da *Klan*”, ameaça o outro visto como impuro e exalta o branco visto como puro. Nessa tridimensionalidade verbivocovisual, na composição da fotomontagem, sinaliza-se a imagem de um cidadão ideal (branco, heterossexual, cristão) que seria injustiçado por ser pretensa e racialmente superior.

Rodrigues e Rosa (2021), ao proporem uma pesquisa em análise dialógica do discurso, demonstram a existência de neocristonazifascistas, pondo que a organização *Christianity and Fascism* (Cristianismo e Fascismo) relaciona cristianismo, fascismo e nazismo. Nesse ponto de vista, Jesus Cristo teria sido o primeiro ariano a pisar na terra, o que tornaria os hitleristas o povo escolhido por deus. A *Klan*, em sua atividade discursiva, emprega a palavra divina para seu projeto arquitetônico na tentativa de legitimar seus atos terroristas. Por esse motivo, a UNS escolhe os signos ideológicos “deus abençoe o sul branco”, o que não significa uma relação pautada pela solidariedade, e sim pela macheza e poder. Para isso ser possível, seria necessário superar projetos de dominação concorrentes. Sobre esse aspecto, observem-se a Figura 4 e a Figura 5:

Figura 4. A infantilização do sul é meu país



Fonte: União Nacional Sulista (2019)

Figura 5. A infantilização da FIB



Fonte: União Nacional Sulista (2019)

Por terem projetos concorrentes quanto à dominação regional, como o movimento sul é meu país, e à dominação nacional, como a Frente Integralista Brasileira (FIB), a UNS constrói fotomontagens com a finalidade de retirar a autoridade de seus oponentes sobre um possível público a ser recrutado. O objetivo é desacreditar e deslegitimar os adversários, ridicularizando-os por meio do uso de humor, mesmo que se adote uma postura racista. De fato, o humor, no campo político, pode produzir um distanciamento, em uma visão binarista, entre o lado certo e o errado, de tal modo a se evocar estigmas e estereótipos contra o outro, bem como seu discurso, corpo e visão de mundo. Na Figura 4, tenciona-se a relação entre o sul é meu país, de Celso Deucher, e a República do Pampa, de Irton Marx. Na Figura 5, tenciona-se a relação entre neonazistas e neointegralistas.

No primeiro caso, há a conjunção de vários elementos visuais, verbais e vocais de uma cena de interação discursiva no desenho “Uma família da pesada”, haja vista se averiguar o rosto de Celso Deucher no corpo da Meg Griffin com a camisa e toca do movimento sul é meu país, rosto de Adolf Hitler no corpo do Chris Griffin com a bandeira dos estados sulistas secessionados sob a égide do neonazismo, Louis Griffin com o símbolo da UNS, rosto de Irton Marx no corpo de Peter Griffin com a bandeira da República do Pampa. Ao contrair os braços, subentendendo um tom de revolta, Celso Deucher-locutor grita: “Vocês sempre agem como se fossem melhores do que eu”. Menosprezado, é observado por seus supostos pais, os adultos.

De fato, o nazismo, sob a liderança de Adolf Hitler, e o movimento separatista República do Pampa, sob Irton Marx, são mais antigos e radicais em comparação com o movimento sul é meu país. Há de se notar a relação sócio-hierárquica entre locutor e interlocutor, uma vez que, de um lado, há um tom de indignação e, de outro, de desdém. Isso se contextualiza em um desenho animado em que corpos e rostos são combinados, o que materializa uma relação de superioridade (pai-Irton Marx, mãe-UNS e irmão-Adolf Hitler) e inferioridade (filha-Celso Deucher). Quando se seleciona o signo ideológico “melhores”, reforça-se essa comparação entre o tradicional/vocês e o novo/eu para o comando de um sul-brasileiro secessionado. Nessa perspectiva, percebe-se, nesses elementos tridimensionais mobilizados pelo locutor, existir ódio ao sul é meu país em detrimento do amor ao nazismo e ao pampa independente.

No segundo caso, encenam-se três momentos de interação discursiva. Em um primeiro momento, haveria uma conversa, com um tom de alegria, entre neonazistas, tais quais neoconfederados, extremistas do movimento Gadsden, supremacistas brancos adoradores da cruz celta, hitleristas, membros da UNS, admiradores do Kekistão, integrantes do Movimento de Resistência Nórdica e homens da *Klan*. Para descrever o momento, surge a afirmação “Uma conversa civilizada entre racialistas”. Em um segundo momento, a expressão gestual nos rostos dos neonazistas muda ao assumir um tom de preocupação, porque, bem como é dito, “Ah não, lá vem os que apoiam miscigenação”. Em um terceiro momento, em plena histeria, aparecem os neointegralistas com uma bandeira que lhes identifica, o sigma. Ao festejarem com excrementos, exclamam: “Anauê”, “somos a raça humana”, “viva o pardismo”, “a revolução vai ser parda”, “problema do mundo ser ético”.

Nessa fotomontagem, que tridimensionalmente relaciona o verbal, visual e vocal, contrastam-se valores aceitos e negados para a constituição de um sul-brasileiro secessionado. É interessante o emprego do signo ideológico “civilizada”, no projeto arquitetônico do locutor, visto que essa civilização é baseada na crença de superioridade e inferioridade racial com vínculos no arianismo. Nesse sentido, possui cidadania o sujeito com um suposto sangue puro que, ao seguir as tradições culturais, perpetuaria uma linhagem genética e cultural superiores. Em oposição, haveria quem apoiasse a “miscigenação” com a finalidade de degenerar a tal linhagem de sangue.

Por isso, seria uma ameaça à existência de neonazistas que, pretensamente, lutariam por seu povo, o escolhido por deus, como defendem os homens da *Klan*.

Sob os signos ideológicos “viva o pardismo”, o locutor relaciona a cor da revolução (parda) e do excremento (marrom) com o objetivo de inferiorizar os neointegralistas e, mais amplamente, toda a população parda brasileira. É importante lembrar que o integralismo foi a espinha dorsal do nazifascismo brasileiro, de tal maneira que, na Alemanha, havia os camisas pardas, na Itália, os camisas pretas e, no Brasil, os camisas verdes. Esse movimento de massa, sob a liderança de Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, reapreendeu, reorientou e ressignificou a saudação romana para o cenário nacional ao lhe transformar no “anauê” com pequenas nuances. Ao se verificar alguns textos produzidos por neointegralistas, percebe-se que a democracia integral, enraizada em um modelo corporativista fascista, conviveria bem com o genocídio em massa de minorias, visto que não prevê uma mudança do *status quo*, mas sua continuidade.

### Considerações Finais

Devido aos limites composicionais deste artigo, não se tratou dos memes, outro gênero discursivo frequentemente mobilizado pelo locutor da organização UNS, de maneira a parodiar e inferiorizar os oponentes com projetos políticos concorrentes e, ainda mais, minorias vistas como lixo racial. Feita essa ressalva, a presente pesquisa teve como objetivo analisar, dialogicamente, a constituição do gênero discursivo fotomontagem que, ao servir aos interesses do locutor, representa o símbolo da organização, seu líder, aliados e inimigos em sua campanha de ódio.

No projeto arquitetônico da UNS, o gênero discursivo fotomontagem, ao dispor de uma tridimensionalidade verbivocovisual, possibilitou a articulação entre elementos socioculturais alemães e estadunidenses com gaúchos. Ao se retornar à hipótese elencada, nota-se que tal gênero é, enquanto enunciado, importante para o recrutamento de novos integrantes quando mescla aspectos autoritários de diferentes culturas. Ao humilhar o outro, que pode ser figurado como o nordestino, o negro, o LGBTQIAP+, legitima Adolf Hitler e a *Ku Klux Klan*. Logo, forma (elementos verbais, vocais, visuais), conteúdo temático (superioridade/inferioridade racial) e campo de atividade (Telegram) têm suas características traduzidas pela fotomontagem.

No intuito de justificar essa empreitada, respaldou-se na ética bakhtiniana ao propiciar reflexões atinentes às relações humanas alteritárias, tal foi, aliás, o que se assumiu como ato ético para confrontar, dialogicamente, manifestações de autoritarismo pautadas no nazismo com o fito de separação territorial. Essa contrapalavra visa à promoção plena da cidadania com a defesa da educação, segurança, saúde, alimentação, trabalho, cultura, terra, moradia e esporte em nome da dignidade da pessoa humana.

A fundamentação teórica assentou-se em reflexões concernentes ao grupo de intelectuais formado por Bakhtin (2015, 2016, 2018) e Volóchinov (2019a, 2019b, 2019c) em interlocução com contribuições de Charaudeau (2006, 2016) e Lévy (2010, 2011). Ao assim agir, examinou-se a perspectiva social da linguagem, estruturada em gêneros discursivos na comunicação sociodiscursiva, o que serve aos fins políticos e populistas da UNS no campo das mídias digitais.

Entendem-se pertinentes essas reflexões ao se estudar o funcionamento da fotomontagem quanto à forma (elementos verbivocovisuais), ao conteúdo (composição temática) e ao campo de atividade (mídia digital), porque, de início, apresentou-se o símbolo máximo da UNS, a sua bandeira. Ela se constituía de variados elementos que, ao estarem articulados, produzem sentidos importantes para tal organização neonazisseparatista. Depois, a publicação de duas fotomontagens que, ao selecionarem o rosto de Adolf Hitler e o corpo de um homem da *Klan*, concordavam, axiologicamente, com essas tradições de autoritarismo baseadas na crença de superioridade racial. Em seguida, a publicação de duas fotomontagens com a parodização e inferiorização de inimigos

com projetos concorrentes, tais como o movimento o sul é meu país e a FIB. Por intermédio do gênero discursivo em questão, materializam-se tipos distintos de argumentação, principalmente quanto a crenças compartilhadas, vontade de agir, o risco iminente, autoridade, desqualificação do adversário, analogia e o humor.

Registre-se que os atos de linguagem analisados neste artigo ameaçam a dignidade da pessoa humana, dado que se baseiam em conspirações raciais feitas pelo movimento neonazista de que o branco sofreria um genocídio e, para tanto, precisaria reagir da maneira mais violenta possível contra o outro visto como impuro. Tanto é que a referência axiológica da UNS é Adolf Hitler e a KKK, porque possuem, em sua biografia, uma trajetória marcada pelo assassinato em massa de minorias sociais.

É crucial subscrever que a organização investigada no *Telegram* foi denunciada. Apesar disso, seu canal está *online*, o que possibilita, ainda, o recrutamento de novos membros. A respeito disso, reivindica-se o protocolo apresentado inicialmente, pois, ao se omitir o *link* para o canal da UNS, evita-se esse processo de filiar novos racistas. Tem-se em mente que publicar o *link* é propagar racismo no campo acadêmico.

### Referências Bibliográficas

AMEUR, Farid. *A Guerra de Secessão 1861-1865*. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das cruzadas ao século XX*. Tradução de Luís Oliveira Santos e João Quina. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual*. Tradução de Helenice Gouvea e Rosemary Schettini. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Tradução de Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *A conquista da opinião pública: como o discurso manipula as escolhas políticas*. Tradução de Angela Corrêa. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DIAS, Adriana Abreu Magalhães. *Observando o ódio: entre uma etnografia do neonazismo e a biografia de David Lane*. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/1060866>. Acesso em: 9 fev. 2023.

DI FANTI, Glória; PAULA, Luciane de; PONZIO, Luciano. A proposta dialógica do Círculo bakhtiniano. Porto Alegre, *Letras de Hoje*, v. 56, n. 3, p. 395-404, set./dez. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42530/27373>. Acesso em 7 set. 2022.

EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. Tradução de Lúcia Brito. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

EVANS, Richard. *Terceiro Reich no poder*. Tradução de Lúcia Brito. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

EVANS, Richard. *Terceiro Reich em guerra*. Tradução de Lúcia Brito e Solange Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editoria, 2009.

FIGES, Orlando. *Uma história cultural da Rússia*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

LIMA, Stella Aparecida Leite; VINHAS, Luciana Iost. O funcionamento da ideologia no discurso separatista: uma análise de um texto vinculado ao movimento O sul é meu país. *Revista do Centro de Letras e Comunicação*, Pelotas, n. 32, p.171-198, set./dez., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/14622/9078>. Acesso em: 2 fev. 2023.

PAULA, Luciane de; SERNI, Nicole Mioni. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/6507>. Acesso em: 10 ago. 2022.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, Cuiabá, v.27, n.49, p. 15-46, out./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 10 ago. 2022.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; ROSA, Kelli Machado da. Signos de ódio, terror e crueldade: o horizonte ideológico de uma organização neocristonazifascista. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 610-623, set./dez., 2021. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40696>. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40696>. Acesso em: 5 fev. 2023.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Em nome da raça, do orgulho e do povo branco: polêmicas veladas na construção do discurso da organização criptonazista White Lives Matter. In: MACHADO, Gabriella Eldereti; COSTA, Sabrina Copetti da; FOLMER, Ivanio. (org.). *Debates contemporâneos: perspectivas e reflexões atuais*. 1. ed. Santa Maria: Arco Editores, 2022. E-book. p. 408-426.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SENRA, Ricardo. 'Ele soa como nós': David Duke, ex-líder da Ku Klux Klan, elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel. *BBC News Brasil*, Washington, 16 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45874344>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SÉRIOT, Patrick. *Vološínov e a filosofia da linguagem*. Tradução de Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

TORMENA, Adriano. *Redes e agenda política: uma análise do movimento “O Sul é Meu País”*. 2018. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia Ciência Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/189229/TCC%20ADRIANO%20TORMENA.pdf?sequence=1>. Acesso em: 2 fev. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: o que é a língua/linguagem? In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019a, p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019b, p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário III: a palavra e sua função social. In: VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019c, p. 306-336.

Submetido em 18/11/2022

Aceito em 31/01/2023